

## **JUVENTUDES, MÚSICAS E ESCOLA: Uma pesquisa no sertão de Alagoas**

**Isabel Cristina Oliveira da Silva**

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)/ Bolsista  
FAPEAL/CAPES

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)

belcrysos@hotmail.com

### **RESUMO**

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado quanti-qualitativa, de tipo exploratório e compressivo e, tem o objetivo de discutir a presença da música no percurso de escolarização de jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio no município de Delmiro Gouveia/sertão de Alagoas. Na busca pelas informações, 116 jovens estudantes foram envolvidos por meio de um questionário estruturado não identificado e, 9 jovens estudantes através de entrevistas coletivas semiestruturadas, além dos registros de campo da pesquisadora. As reflexões estiveram norteadas por teóricos do campo da juventude e educação. Os resultados apontaram um público juvenil diversificado, com mínima defasagem idade/série, alguns trabalhadores, residentes em povoados, distritos e na sede local do município, junto aos pais ou parentes. Jovens com gostos musicais bastante diversos e, alguns com atuações musicais de modo mais veemente, versando instrumentos e canto. Averiguou-se a relação juventudes, músicas e escola circunscrita por tensões, já que os estudantes são, também, sujeitos de outros espaços e tempos, levando suas manifestações culturais para o ambiente escolar. Considera-se que este trabalho rompe com pragmáticas concepções de que os percursos escolares e os gostos musicais dos jovens sertanejos estão definidos pelo destino de classe ou por suas origens locais.

**Palavras-chave:** Escola. Juventudes/jovens. Músicas.

### **JEUNESSE, MUSIQUE ET ÉCOLE: Une enquête dans l'arrière pays d'Alagoas**

#### **RÉSUMÉ**

Cet article présente les résultats d'une recherche de master quanti-qualitative, de type exploratoire et compréhensif, ayant le but de discuter la présence de la musique dans le parcours de scolarisation de jeunes étudiants en classe de terminale à la ville de Delmiro Gouveia, "sertão" de l'État d'Alagoas, au Brésil. Dans la quête d'informations, 116 jeunes étudiants ont été impliqués au travers d'un questionnaire directif non identifié et 9 jeunes étudiants au travers d'entretiens collectifs semi-directifs, outre les enregistrements issus du travail de terrain faits par l'auteur. Les réflexions ont été guidées par des théoriciens du champ de la jeunesse et de l'éducation. Les résultats ont indiqué un public juvenil diversifié, avec un minimum de déphasage age/classe, certains d'entre eux,

travailleurs, résidents dans les villages, les districts et e la partie centrale de la commune, auprès des parents. Des jeunes avec des goûts musicaux divers, certains d'entre eux ayant fait des présentations musicales plus véhémentes, en jouant des instruments et en chantant. Il a été vérifié le rapport entre les jeunesses, les musiques et l'école entourée par des tensions, car les étudiants sont, aussi, sujet d'autres spaces et temps, apportant leurs manifestations culturelles au milieu scolaire. On estime que ce travail rompt avec les conceptions pragmatiques selon lesquelles les parcours scolaires et les goûts musicaux des jeunes du "sertão" sont définis par le destin de classe ou par leurs locaux d'origine.

**Mots-clés:** École. Jeunesses/jeunes. Musiques.

## 1 INTRODUÇÃO

Convidamos, você, leitor a conhecer os jovens sertanejos de Alagoas, especificamente do município de Delmiro Gouveia, explorando e compreendendo suas relações com a música no percurso da escolarização. Partimos do pressuposto de que revelar este contexto como problemática de estudo corrobora na ampliação dos debates sobre juventudes no Brasil. As reflexões a serem fomentadas partem das informações obtidas pela pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), nos anos de 2016 a 2018<sup>5</sup>, tendo como participantes os jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Delmiro Gouveia/sertão de Alagoas.

As informações que embasaram a dissertação foram alcançadas por meio do diário de campo da pesquisadora, questionários estruturados não identificados, aplicados a 116 jovens estudantes e, duas entrevistas coletivas guiadas por um roteiro de perguntas semiestruturadas, realizadas com 9 jovens estudantes organizados em dois grupos, o primeiro com 3 participantes, correspondentes ao quantitativo de jovens estudantes do turno matutino que se disponibilizaram a participar e, o segundo grupo com 6 integrantes, equivalente ao turno vespertino.

Enveredamo-nos por uma metodologia que aproxima vertentes quantitativas e qualitativas na educação, pois conforme Gamboa (2015) há a necessidade de superar os paradigmas que dicotomizam tais vertentes nas pesquisas sociais, isto, porque, somente o interesse do pesquisador

---

<sup>5</sup> A pesquisa que culminou na elaboração da dissertação recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001.

pelo objeto revelará o percurso a ser trilhado. O autor (2015, p. 87) ainda afirma que a metodologia “não deve considerar apenas a competência técnica, deve considerar outros aspectos relacionados com o método e os pressupostos teóricos e epistemológicos nos quais se fundamentam os processos da investigação”. Diante das colocações, é fundamental superar os paradigmas de classificação da pesquisa como categorias fixas e imutáveis, onde os trabalhos acadêmicos precisam ser alocados segundo os instrumentos utilizados na coleta de dados. Ao contrário, as limitações dos paradigmas servem de base para a incorporação de outras formas de compreender o mundo, sendo imprescindível reconhecer a pluralidade metodológica sem perder de vista os limites entre as correntes.

Partindo deste entendimento, antes de apresentar as análises dos dados, torna-se proeminente balizar os fundamentos teóricos utilizados neste artigo, os quais revelam a amplitude das variáveis interligadas ao universo juvenil, sendo impossível ao texto abordá-las em suas completudes. Cabe ao momento apontar as reflexões dos estudiosos, localizando nossas análises numa conjuntura macro do conhecimento sobre juventudes.

## **2 JUVENTUDES E SUAS RELAÇÕES COM A MÚSICA: DEBATES NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO**

Iniciando as elucidações pela categoria juventude, entendemos ser impossível definir um conceito único para tal, partimos de alguns pressupostos explicativos que situam o referido conceito numa perspectiva sócio-histórica. Bourdieu (1983) exemplifica que poderíamos tomar juventude (no singular) como um período existencial a todos os indivíduos sociais, ao passo em que trata de juventudes (no plural), implicada em situações de múltiplas vivências, quais não podem ser condicionadas tão somente aos aspectos biológicos, contudo a dimensão relacional com os outros e consigo mesmo. Neste processo relacional, os jovens geram experiências, ou seja, estruturas, interpretações e sentidos para o vivido, não se limitando no processo aos repertórios culturais e valores herdados pelas instituições como família e escola.

Corroborando com debate, Pais (1990) fomenta que inúmeras abordagens foram tomadas para explicar a juventude, entre elas: como fase da vida (puberdade), problema social (profissão, delinquência, drogas e tantos outros) e, juventude como *status* da indústria midiática. Novos enfoques sociológicos favoreceram a problematização de tais abordagens, reforçando a dimensão

plural da juventude, como: “[...] um conjunto [...] necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses” (PAIS, 1990, p. 140). Endossando as juventudes numa perspectiva plural e relacional, Margulis (2004) compartilha das proposições de Pais (1990), ao pontuá-la como categoria imprecisa e socialmente construída que também pode ser analisada sobre outras dimensões.

Direcionamos nossos olhares para as juventudes a partir da dimensão estudantil, tomando as discussões de Reis (2012) como ponto de partida. A autora declara que nos construímos como estudantes “[...] a partir dos desafios com os quais os sujeitos se confrontam. [...] esse processo não é homogêneo, mas depende da qualidade dos encontros com os saberes vivenciados, da relevância das atividades propostas e dos desafios propiciados a partir da mediação de um outro” (REIS, 2012, P. 641). Neste cenário, a designação “estudante” implica uma multiplicidade de situações, cuja palavra é insuficiente para compreender os modos pelos quais os jovens tornam-se estudantes. Os jovens comportam de formas distintas a relevância da escola em suas vidas, tendo aqueles que adequam-se as regras e linguagem do espaço, por entenderem que este é o lugar que fomenta seus projetos de futuro, bem como outros que mobilizam-se em sentido contrário, resistindo – a partir dos adereços no corpo, cabelos, gírias e nos gostos musicais – aos aparatos ideológicos inscritos nas ambiências escolares.

No trilhar das proposições, não se pode negar que antes de assumir o ofício de estudante, estes são jovens com vivências distintas e lógicas próprias de aprender. Na perspectiva de Charlot (2000, p. 53), “aprender é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros”. Tais situações acontecem em ambientes socializadores diversos, a saber, a própria escola. Fugindo da lógica da aprendizagem como transmissão de conteúdo curricular, Dayrell (2001, p. 139) corrobora com as argumentações elucidadas ao afirmar que no contexto escolar “não é coerente que o processo de ensino/aprendizagem ocorra numa homogeneidade de ritmos, estratégias e propostas educativas para todos”, reduzindo as diferenças juvenis a dificuldades cognitivas ou problemas sociais de marginalidade e criminalidade. Ao contrário, é importante tomar a escola primeiramente como ambiente de socialização, elevando o aprender a uma relação intrínseca entre as habilidades cognitivas e os fenômenos sociais, fomentando sentidos a vida cotidiana.

Em se tratando da socialização, desconstruímos ideias funcionalistas e reprodutivistas, pois os sentidos em relação à escola deixam de ser dados aos sujeitos pelas próprias instituições para serem constantemente construídos por eles. Dubet (1998, s/p) defende que a “socialização não pode mais ser percebida [...] como a aprendizagem de uma complexidade crescente de papéis, de status e de jogos sociais”, na verdade pressupõe a desinstitucionalização dos jovens estudantes, oportunizando que estes subjetivem a escola e construam uma relação de utilidade social com os estudos. Para que tal processo alcance de fato os jovens da classe popular, se faz imprescindível repensar a conjuntura escolar, em seus aspectos físicos quanto pedagógicos. No que tange a dimensão estrutural, é preciso ter em mente que os prédios escolares podem gerar situações de interações ou proibições. Geralmente a falta de estímulos interativos nas estruturas empobrece o processo de ensino e aprendizagem, que fica reduzido ao disciplinamento, tendo a sala como *locus* balizador. Na tentativa de serem percebidos os jovens apropriam-se dos ambientes da escola, ressignificando seu uso e desestabilizando as regras e normas impostas para a utilização dos espaços. No conjunto das percepções assinaladas, é oportuno compreender que:

Nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-os a partir de suas práticas específicas. Esse mesmo processo pode ser observado nas instituições escolares de Ensino Médio por se constituírem em espaços eminentemente juvenis (MARTINS e CARRANO, 2011, p. 45).

Ora, nesta guia de reflexões a sala de aula também corresponde a um território cultural. Dayrell (2001, p. 149) discute que na sala de aula “formam-se subgrupos, por afinidades, interesses comuns, etc. É a formação de “panelinhas”, quase sempre identificadas por algum dos estereótipos correntes”, que demarcam os pertencimentos dentro deste território. Do mesmo modo, os horários de entrada e saída são momentos de pico nas interações dos jovens, especificamente a saída, cuja combinação de encontros, atitudes próprias como cantar música em voz alta e retirar o uniforme em resistência à padronização escolar, são mais frequentes. Reconhecer a intervenção dos jovens nas ambiências escolares parte do pressuposto socializador da educação, onde as relações juvenis não são inibidas, porém integradas à escolarização.

No que se refere aos aspectos pedagógicos, transcenderia a reprodução de conteúdo, buscando vínculos entre a realidade e as disciplinas curriculares, pois os jovens aprendem de modo eficaz aquilo que se torna significativo em suas vidas:

As escolas e os currículos não são apenas lugares que armazenam conhecimentos produzidos em cada área, são lugares onde [...] chegam sujeitos sociais também produtores de conhecimentos, lugares de encontro de experiências sociais, de indagações, de leituras de mundo e de si no mundo que exigem

ser reconhecidas (ARROYO, 2014, p.200).

Charlot (2000) também discutindo tais questões, compreende que embora as instituições formais de ensino tenham como função principal a instrução, elas configuram-se enquanto espaço de vida, cuja relação com o aprender corresponde a uma relação identitária. Sendo assim, os jovens constroem suas experiências escolares através de um movimento complexo e inacabado que envolve os outros, o contexto e suas próprias vivências. Neste viés, a música atua como atividade de mobilização<sup>6</sup> que leva os jovens a estabelecerem sentidos nas suas relações com a escola. Dentre as atividades, destacam-se o compartilhamento dos fones de ouvido, as interações grupais nos corredores com violão e rodas de canto, apresentações musicais em trabalhos escolares, dentre outras visualizadas no campo desta pesquisa.

Diante as elucidações são oportunas ter em mente que apesar de constituir-se em signo comum, a música não incide em uma linguagem universal. Segundo Penna (2014, p. 28), mesmo que todos os jovens escutem música se “faz necessário encarar a música em sua diversidade e dinamismo, pois, sendo uma linguagem cultural e historicamente construída, a música é viva e está em constante movimento”. Dayrell (2002) comunga deste princípio, ao propor a música como referencial comum, porém distinto dos jovens para leituras de si mesmos e de seus contextos reais, em outras palavras, torna-se agradável aos ouvidos àquilo que faz parte das vivências. Assim, introduzir as músicas dos jovens na escola, para além de elucidar os distintos modos de ser jovem, é componente essencial para problematizar os aspectos culturais e ideológicos existentes nas canções, ampliando os repertórios e propagando o aprender significativo dentro da escola.

O apanhado teórico explicitado serviu para destacar a relevância de pesquisas que acentuem as diversas expressividades culturais no ambiente da educação, principalmente em contexto sociocultural, cujo gênero musical, a saber, o sertanejo, é tomado como marcador social, deixando imperceptível a pluralidade de apreciações musicais que transitam dentro da escola por meio das interações juvenis. No encontro com os teóricos fundadores do estudo nos debruçamos sobre as informações obtidas, a fim de explorar e compreender as experiências com música na formação escolar dos jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio em Delmiro Gouveia/sertão de Alagoas.

---

<sup>6</sup> De acordo com Charlot (2000, p. 55) Mobilizar-se é reunir suas forças, para fazer uso de si próprio como recursos. [...]. Mobilizar-se é também engajar-se em uma atividade originada por boas razões para fazê-lo.

## **2 O QUE NOS REVELAM OS JOVENS ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO NO SERTÃO DE ALAGOAS?**

Balizados pelos referenciais explicitados, os dados a seguir foram organizados em registros numéricos e falas dos participantes, complementando-se no processo de reflexão. Porquanto, partindo do entendimento de que as experiências na escola estão imbricadas com relações mantidas pelos jovens de outros espaços de interações, a saber, as praças, as ruas da cidade e os grupos de bairro, o questionário e as entrevistas coletivas, munidas de observações da pesquisadora, buscaram explorar e compreender os enlaces dos jovens com a música para fomentar suas relações com a escola, com os outros e, sobretudo consigo mesmo.

Questionando os jovens a respeito das pessoas com as quais vivenciavam momentos de escuta musical, as respostas mostram: Amigos (74,1%); familiares (34,5%); namorado/marido (25%); professores (1,7%). Os amigos, numa posição de 74,1% dos respondentes, assumem – por meio dos gostos musicais compartilhados – a condição de refúgio perante as exigências sociais. São nos grupos de amigos que as sensações, interesses e desafios são expostos sem preocupação:

Os grupos de amigos [...] assegurarem uma certa identificação entre os vários elementos que os constituem (têm gostos semelhantes musicais, literários, etc.) e ao funcionarem como contextos coerentes de estruturação dos tempos quotidianos dos jovens que os integram e das atividades que praticam de forma compartilhada. (MACHADO PAIS, 1993, p. 93).

Outro dado a ser lapidado, incide na partilha musical com a família. Das respostas obtidas, 34,5% dos respondentes disseram escutar música junto aos familiares. As discussões teóricas do presente estudo elencam que a família, principal instituição socializadora, já não é a única responsável por exercer influências na sociabilidade dos mais jovens, uma vez que estes interagem com outros sujeitos. No entanto, não é negada a parcela familiar nessa vertente, pois Dayrell (2012, p. 310) declara “que a configuração familiar é uma variável significativa na trajetória de cada um”, no sentido de ofertar as primeiras referências de vida no mundo. Em outras palavras, é fundamental examinar as experiências juvenis sem minimizar a presença da primeira agência socializadora, situando-a em um estado de confluência com demais emergentes.

Ainda no cenário observado, 25% dos jovens assinalaram ouvir música com seu namorado(a)/esposo(a). Nessa linha de raciocínio, é perceptível que a música aproxima os jovens dentro de uma perspectiva afetiva. Apenas 1,7% disseram ouvir com os professores. Este último dado chama atenção ao verificar que é na escola que os jovens estudantes têm aproximação com

os docentes, porém recebem estímulos mínimos em relação à música, inferindo a música como dispositivo educativo pouco utilizado pelos professores, contrariando os dispositivos legais contemplados no Art. 26, § 2º e § 6º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9.394/1996), os quais definem a música como linguagem que deve constituir o ensino de arte na educação básica.

Nesse mesmo trajeto, nos preocupamos em perceber se os jovens estudantes escutavam músicas sozinhos. 24,1% afirmaram que sim. Nas entrevistas, mencionaram que estes momentos ocorrem costumeiramente em seus quartos, exteriorizando os sentimentos relativos a situações amorosas, familiares e exigências escolares. Tomado pelos jovens como momento de autorreflexão, estas situações acontecem quando desejam a privacidade para expressar sua fragilidade longe dos olhos dos amigos e da família.

Também foi de nosso interesse identificar os gêneros musicais frequentes entre eles: rock, eletrônico e pop (100%); hip-hop, rap, reggae (77,6%); bossa nova, samba e MPB (66,4%); pagode (54,3%); sertanejo (65,5%); forró (50%); gospel (37,1%); jazz, clássica, erudita (30,2%); funk (29,3%). A constatação de que o rock, o eletrônico e o pop são os estilos musicais mais escutados conduz à reflexão em duas dimensões, primeiramente, a existência destas culturas demarcadas no sertão alagoano e, em segundo lugar a escuta dos estilos sem pertencimentos, pois durante as observações a rotina escolar, poucos apresentavam em sua estética marcas culturais dos referidos gêneros musicais. Ainda assim, os jovens estudantes, de um modo geral, gostam de funk, samba, MPB, gospel, forró e sertanejo, que no caso deste último foi apontado por 65,5% dos respondentes. Destarte, há uma pluralização bastante acentuada nos gostos musicais, se considerada a incidência dos gêneros expostos.

Nesse sentido, é admissível que a música em seus diversos formatos influencia no modo como os jovens conduzem suas vidas, sendo construções sociais que permeiam a família, a educação, os amigos e de modo geral os lugares de socialização frequentados. As interações com gêneros diversos além de estarem atreladas ao estado afetivo dos jovens, respondem ao fato de que mesmos não sendo ouvintes assíduos de um determinado gênero, partilham entre os pares quando estão em ambientes festivos. De fato, a música acompanha os jovens em todas as situações no decorrer da vida cotidiana, sendo muito mais vivida que ouvida, “ela constitui um agente de socialização, à medida que produz e veicula molduras de representação da realidade, de arquétipos

culturais, de modelos de interação entre indivíduo e sociedade, e entre indivíduo e indivíduo”, (DAYRELL, 2001a, p. 22).

Vinculando a participação da escola nas experiências musicais dos jovens estudantes, elencamos algumas possíveis atividades, que receberam as seguintes indicações: banda (54,3%); canto (1,7%); instrumento (10,3%); performance (2,6%); outros (0,9%); nenhum (30,2%). Apesar dos apontamentos, precisamos esclarecer que os momentos de observação em campo identificaram a inexistência de atividades ofertadas propriamente pela instituição. A banda destaque entre as respostas, correspondia a uma iniciativa de sete estudantes de turmas do 2º e 3º ano do médio, especificamente dos turnos matutino e vespertino, surgida após números artísticos em projetos de disciplinas curriculares, configurando-se em desdobramento para além da sala de aula. Nesse aspecto, puderam contar com a colaboração da direção, a qual, prontamente dispôs o espaço da escola para que os jovens pudessem realizar seus ensaios.

Dando continuidade às reflexões, foi curioso saber quais os momentos que os jovens estudantes escutam as músicas de suas preferências dentro da escola, tendo sido apontado: intervalo (26,7%); sala de aula (6,9%); hora de entrada (7,8%); hora de saída (23,3%); nenhum (52,6%). Os dados reforçam a escola como espaço fundamental para operacionalização das interações juvenis, em paralelo as considerações de Dayrell (2001, p. 144) reiteram a característica polissêmica das instituições de ensino, pois leva em “conta que seus espaços, seus tempos [...] podem estar sendo significados de forma diferenciada, tanto pelos alunos, quanto pelos professores”. Apesar de 45,7% dos respondentes não ouvirem música na escola, 26,7% afirmam utilizar o intervalo para ouvir música no pátio central. Nessas ocasiões, os jovens compartilham seus fones de ouvido e biblioteca musical portada nos celulares.

Muito embora esta cena seja perceptível, os jovens estudantes no percurso das entrevistas problematizaram a contrapartida da escola em oportunizar momentos de descontração das pressões sofridas no Ensino Médio:

Acho que seria legal, como tem em outras escolas, que lá no pátio tem caixas de som onde eles podem ouvir na hora do intervalo, acho que seria muito melhor pra gente, né? Porque a gente vive nessa pressão de tipo, é intervalo, mas eu já tô pensando no que tenho que fazer, trabalho, atividade que é muito constante e provas. Se tivesse assim na hora do intervalo, nossa hora mais descontraída de encontrar aqueles amigos que estudam em outras salas, se tivesse um pouco de música lá, pelo menos uma caixinha! (**Grupo 1 – entrevista concedida em abril de 2017**).

O relato em questão recorda as reflexões de Dayrell (2011) acerca do pátio escolar como catalizador de encontros e, espaço que eleva as manifestações próprias dos jovens estudantes, no sentido de romper com silenciamento sofrido pelo cotidiano institucionalizado e pouco aberto:

[...] as mesas do pátio se tomam arquibancadas, pontos privilegiados de observação do movimento. O pátio se torna lugar de encontro, de relacionamentos. O corredor, pensado para locomoção, é também utilizado para encontros, onde muitas vezes os alunos colocam cadeiras, em tomo da porta. O corredor do fundo se torna o local da transgressão, onde ficam escondidos aqueles que matam aulas. O pátio do meio é ressignificado como local do namoro (DAYRELL, 2001, p. 147).

Dayrell (2001) também informa que junto ao pátio, outros ambientes são apropriados pelos jovens, os ressignificando perante suas necessidades. A ressignificação foi notada no *lócus* de observação em situações como o uso dos corredores de entrada e saída da escola, os bancos próximos à sala de informática, servindo como espaços de encontros para grupos juvenis que procuravam se afastar do ambiente mais tumultuoso, o pátio. Nesses momentos, os diálogos transitavam sobre diversos conteúdos, além da presença marcante dos celulares, como veículo de registro de suas interações. Vale destacar que as referidas táticas foram construídas para amenizar a rotina: “É só dever, dever toda hora”; “instrumento musical pode só para fazer trabalho mesmo” **(Grupo 2 – entrevista concedida em abril de 2017)**.

A frase é só dever toda hora, carrega as angústias que assolam os jovens estudantes do último ano do Ensino Médio, no que diz respeito às incertezas à frente, ao passo que repercute seus anseios por um espaço que privilegie relações de sentidos. Em outras palavras, Reis (2012), se aproxima a discussão, relatando que os desafios colocados à escolarização na contemporaneidade residem em conceber a escola a partir da inter-relação entre registros identitários e epistêmicos. Do mesmo modo, Charlot (2000) define ser pertinente repensar a relação com o saber nos planos pedagógicos, suscitando uma relação atravessada pelas formas específicas que os jovens apreendem o mundo.

Outro dado importante refere-se à presença mínima da música em sala de aula. Registrada em 6,9%, percebemos que este percentual pode estar atrelado à contrariedade da escola frente aos gostos musicais dos jovens advindos de outros lugares. Segundo Subtil (2011, p. 186), a música da escola “deve ser educativa, porque a de fora é besterenta tem muito palavrão [...]. No entanto, as observações evidenciam uma contradição quando nos horários alternativos, nos recreios, entrada e saída cantam dançam e repetem com muito prazer os hits do momento”.

As ponderações de Subitl (2011) nos leva a refletir que valorizar as preferências dos jovens estudantes não anula o caráter formativo da escola, pelo contrário, utilizá-las em favor da qualificação das relações escolares pode gerar aprendizagens mais significativas, tendo em vista que os jovens se mobilizam para apreender o que lhe desperta sentido. Em sala de aula, os professores poderão aproveitar as músicas para trabalhar temáticas sociais, históricas, linguísticas, literárias, artísticas, geográficas e tantas outras. No decorrer do processo, poderá ser ampliada a percepção sonora dos jovens proporcionando o acesso a outros gêneros musicais.

Aprofundando as discussões sobre a utilização da música em sala de aula, buscamos identificar em quais disciplinas essa situação se verifica: química (0,9%); física (0,9%); sociologia (1,7%); história (2,6%); matemática (4,3%); educação física (4,3%); literatura (8,6%); português (9,5%); geografia (16,4%); nenhuma (28,9%); artes (70,7%). Muito embora a música apareça no contexto da sala, os jovens retrucaram sobre a mínima abertura para utilização da mesma em seus trabalhos escolares. Geralmente os professores limitam os trabalhos a construções de paródias, envolvendo aprendizagem de conceitos disciplinares. Nesse sentido, 28,9 % pontuam a inexistência da música neste espaço. A rigidez da usabilidade da música sinaliza que a escola de um modo geral possui tempo e espaço rígidos, a fim de manter a ordem e controle sobre as atuações dos jovens estudantes.

Voltando-se a disciplina de artes, pudemos observar uma atividade desenvolvida pelos jovens sob orientação da professora. A atividade foi organizada em dois momentos: o primeiro caracterizava-se na produção de instrumentos de percussão e sopro com materiais recicláveis, construídos em espaços de preferência dos alunos, já que a aula de artes, com 40 minutos, não favorecia a construção dos mesmos em sala. Após a elaboração dos instrumentos escolhidos pela professora para os alunos, esses foram convidados a levá-los a aula. Na ocasião, os jovens estudantes foram distribuídos em grupos de acordo com o instrumento produzido, cada grupo direcionou-se a frente da sala atendendo ao chamado da professora, a qual solicitou de cada membro do grupo a emissão do som do instrumento, bem como expor os materiais utilizados na confecção. Depois das apresentações a professora permitiu que manuseassem os instrumentos livremente, na tentativa de propor situações mais autônomas. Os ânimos não foram contidos, ritmos e músicas de agrado dos jovens estudantes foram reproduzidos.

Em linhas gerais, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM/BRASIL,

2000) em sua segunda parte a respeito das linguagens, códigos e suas tecnologias fomenta que as artes na escola devem disponibilizar aos jovens múltiplas vertentes de compreender o homem como sujeito social e artístico, ampliando a sensibilidade, além de problematizar as culturas vividas. Corroborando com as prerrogativas legais, Penna (2014, p. 93), considera que à presença da música nas práticas pedagógicas deve tomar “como ponto de partida a vivência do aluno, sua relação com a música popular e com a indústria cultural, buscando ampliar o alcance e a qualidade de sua experiência estético-musical”. Sendo assim, uma concepção reflexível sobre a música no ambiente educativo é capaz de acolher as diferentes manifestações artísticas, tornando-se mais produtivo um trabalho cujas bases estão fincadas na realidade dos jovens estudantes.

No trilhar das proposições, também é preponderante acentuar que as atividades relacionadas à música aparecem na educação básica também como tema transversal, podendo ser trabalhado em acordo com as demais áreas do conhecimento. Assim, mesmo sendo de maneira pontual, não é coerente omitir os índices mencionados sobre as demais disciplinas. Entretanto, para que o uso da música de maneira transversal compreenda a promoção do fazer artístico e a valorização da criatividade, “seria bastante rico se os estudantes de Ensino Médio encontrassem na escola, abordagens e leituras diferentes de artes a fim de mesclá-las com suas produções autorais e que elas pudessem ser relacionadas a outros campos de conhecimento já legitimados” (VIANA, 2014, p. 254).

A influência dessa abordagem sobre o currículo possibilita afirmar que os temas transversais devem atravessar todas as disciplinas, estabelecendo relações proveitosas entre o conhecimento teórico e a realidade dos jovens. Para Penna (2017), atividades que fogem a esta perspectiva, de modo algum resultará em momentos de grande apreciação e valorização por parte dos jovens estudantes, apenas serão enxergadas como trabalhos escolares “chatos” que são obrigados a cumprirem. As observações do referido autor podem ser perceptíveis nas falas dos entrevistados, quando expuseram que anualmente suas relações com a música saem da perspectiva tediosa, para assumir um sentido autoral, ou seja, explorando a música da forma que os agradam:

[...] a gente fica esperando quase que um ano inteiro para uma gincana onde a gente vai se reunir, vai cantar e tal. Daí a gente fica ansioso de antes, porque é o único momento que a gente tá mais presente com a música. **(Grupo 1 - Entrevista concedida em abril de 2017).**

---

A gincana consiste em atividade desenvolvida pela disciplina de matemática, possibilitando aos

jovens estudantes a construção de paródias com os conceitos matemáticos, além de expor livremente suas habilidades artísticas em apresentações no decorrer do evento, sejam estes musicais ou teatrais. Apesar de ser o momento cujos jovens estudantes assumem o papel de atores, o caráter pontual deste tipo de atividade leva a perceber o distanciamento entre a escola e o universo juvenil. Tal distanciamento pode ser justificado pela redução da educação e seus processos a obtenção de resultados quantitativos. Nesse modelo, o ensino é caracterizado pela reprodução do conteúdo e a aprendizagem pela assimilação do mesmo, cuja verificação é obtida em notas. As origens sociais e interações oriundas dos diversos ambientes em que transitam os jovens são invisibilizados quando enquadrados no perfil de estudante desejável, reduzindo os conflitos vivenciados na escola a problemas de ordem cognitiva e comportamental.

Por outro, lado visibilizar os conflitos é reconhecer a escola como campo de luta, cujo trabalho escolar está pautado segundo Dayrrel (2001, 140) na “diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, [...] sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios”. Estes aspectos estão enraizados nas experiências musicais dos jovens, pois são estes que dão sentidos as escutas, bem como as atividades musicais desenvolvidas, sejam elas: canto, composições e instrumentos. Seria propícia a escola, a organização de shows culturais, feiras literárias, saraus, festivais, cujas habilidades artísticas pudessem ser apresentadas e conjuntamente trabalhadas em sala, favorecendo uma formação cultural vultosa.

Diante as análises elaboradas, compreendemos ser necessária à qualidade das escolas de Ensino Médio, a articulação juventudes, músicas e o conhecimento disciplinar. Esse desafio colocado à escola demonstra a urgência em superar os currículos rígidos e inflexíveis, que são considerados por muitos jovens como desinteressantes.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apoiando-nos nas reflexões apresentadas ao longo do trabalho, consideramos um público juvenil diversificado, com mínima defasem idade/série escolar, alguns trabalhadores, residentes em povoados, distritos e na sede local do município, junto aos pais ou parentes. Possuem gosto musical bastante eclético, desestabilizando fronteiras geográficas e culturais, comprovando que diferentes estilos musicais flutuam em distintos espaços sociais, sendo significados de modo particular pelos jovens estudantes.

Tratando da relação juventudes, músicas e escola, percebemos que a mesma esteve circunscrita num jogo de forças simbólicas, revelando um percurso conflituoso na apropriação do papel de estudante. Estiveram visíveis as táticas desenvolvidas por eles na intenção de sustentarem suas singularidades no processo de escolarização: um adereço ao corpo ou cabelo, as gírias, os agrupamentos juvenis dispostos no decorrer do intervalo e na sala de aula, a banda formada pelos próprios, a incorporação, quando possível, de músicas de suas preferências nas atividades escolares e principalmente o uso do fone e o compartilhamento do mesmo entre os pares na intenção de promover seus gostos musicais.

Sobre a promoção de atividades musicais pela escola, contemplou-se de modo limitado com pontuais ações, sendo elas o projeto de matemática ocorrido anualmente e trabalhos demandados em sala pelos professores, os quais solicitam construções de paródias relacionadas aos conteúdos explicitados. Para os jovens seria preciso ampliar a participação da escola nesta vertente, criando momentos cuja música pudesse ser parte das vivências formativas.

No geral, os jovens estudantes utilizam a música para atribuir significados em suas individualidades e interações coletivas. No nível do afeto, foi interpretada como refúgio e liberdade das pressões sofridas na escolarização, bem como exteriorização de sentimentos alegres e tristes referentes às vivências familiares e amorosas. Também, diversificam a escuta em prol da pluralidade de influências recebidas em suas socializações, entre elas: amigos, família, escola e mídia.

As análises esboçadas neste trabalho ofereceram referências empíricas para o entendimento da juventude como categoria plural e analítica. Do mesmo modo, serviu para informar que tais discussões precisam ser evidenciadas no sertão de Alagoas. Para além de um espaço cuja seca ganha visibilidade através da mídia, as escolas médias do sertão recebem públicos juvenis com identidades distintas, sendo elas: trabalhadores, pais e mães, mulheres, homens, *gays*, com matrizes religiosas diversas e outros. Suas perspectivas futuras estão calhadas em outros referenciais, desejosos por formações na área da educação, saúde, empreendedorismo e exatas. São jovens com acesso à internet e bens culturais que encurtam culturalmente o distanciamento entre o rural e o urbano, ressignificando as concepções dos jovens sertanejos unicamente como consumidores da música sertaneja.

Concomitantemente, percebemos que considerar os aspectos culturais da cotidianidade dos jovens estudantes é princípio básico no rompimento do pragmatismo disseminado nas instituições de educação, além de recolocar as juventudes no nível da sociabilidade. Neste quesito, promover estudos no viés proposto corrobora para compreender a música como elemento partícipe das sociabilidades juvenis e da educação.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Margarete. Escola, juventude e música: tensões, possibilidades e paradoxos. **Revista Em pauta**, Porto Alegre, v.18, n°.30, jan./ jun. 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – n° 9.394/1996. Senado Federal, Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Básica, Brasília: SF, MEC, SEB.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Básica, Brasília: MEC, SEB, 2000.

BERNARD, Charlot. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto alegre: Artmed, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco ZerZero, 1983.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: A desinstitucionalização. **Revista Contemporaneidade e Educação**, vol.3, p. 27-33, 1998.

DAYRELL, J. et al. (Org.). **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**, v.28, n°.1, p. 117-137, jan./jum. 2002.

\_\_\_\_\_. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação**, v. 36, n°. 1, p 43-56, jan/abr. 2011.

MARGULIS, Mario. Juventud ou juventudes? [2003]. Entrevistador: Celestina da Silva Durand. **Revista Perspectivas: Florianópolis**, v. 22, n°.02, p. 297-324, 2004.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Revista Análise Social**, vol. XXV, p.139-165, 1990.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REIS, Rosemeire. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos

à escola e aos estudos. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 38, n°. 03, p. 637-652, jul./set. 2012.

SUBTIL, Maria José Dozza. Músicas, mídias e escola: relações e contradições evidenciadas por crianças e adolescentes. Curitiba: **Educar em Revista**, Editora UFPR, n°.40, p. 177-194, abr./jun. 2011.

VIANA, Maria Luiza. Estéticas, experiências e saberes: Artes, culturas juvenis e o Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez (org). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.